Dâmaris: como o Evangelho chegou até ela? (At 17,16-34)

Muito se tem falado e escrito, nestes últimos anos, acerca da inculturação da fé. A busca por uma evangelização libertadora nos confronta com esta situação. O grito de culturas oprimidas nos acordou para isto. As mulheres, ao mostrar sua força, nos remetem à recriação da imagem de Deus...

A questão cultural é muito ampla. A vida humana é cultural (Leonardo Boff). Todas as suas dimensões são perpassadas pela cultura: desde a economia, a política, as relações sociais, as relações de trabalho, até a produção simbólica e a expressão religiosa. Cada grupo elabora, a seu modo, as diversas instâncias. Assim temos a pluralidade cultural.

Neste universo da pluralidade cultural poderemos verificar, em grande parte dos grupos, a existência de "culturas dominantes" e "culturas dominadas". A dominação é possível porque a(o) dominadora(o) consegue fazer parte da vida da(o) dominada(o), que a considera e aceita esta situação.

Existe ainda um outro aspecto cultural que ultrapassa as culturas dominantes e dominadas: a cultura patriarcal ou androcêntrica. Não é possível ler um texto bíblico sem se dar conta disto. Por muito tempo o fizemos, tomando-o por normal. Identificar, no texto, traços desta forma patriarcal-machista de ver o mundo e Deus e encontrar pistas para uma nova maneira, é o que tentarei trazer, pelo menos em forma de idéias, neste estudo.

1. CULTURA ATENIENSE

Atenas, no tempo dos Atos dos Apóstolos, vive apenas do seu passado glorioso. Mas este passado traz consigo elementos culturais que continuam e

determinam o presente. É necessário que os tenhamos conosco, ao estudar o discurso de Paulo em Atenas.

1.1. Cultura econômica

Atenas já não tem mais o significado econômico de outrora, nesta época. A agricultura está em decadência. Há um acentuado pauperismo agrário. Cresce o número de camponesas(es) famintas(os) e sem terra, enquanto aumentam os latifúndios. Por outro lado, cresce o comércio. Na cidade há pequenas(os) comerciantes e vendedoras(es) de rua, que têm má fama. O comércio marítimo, a importação e exportação são desenvolvidos. A indústria vai desde a cerâmica, tecidos, pinturas até a metalurgia e construções...

Uma vez que as várias dimensões da cultura se entrelaçam, vemos que a visão grega acerca do trabalho é uma das forças que interferem e determinam a economia. Ditos como "O trabalho manual é obstáculo para o conhecimento e causa indignidade para o cidadão" (Platão), "Uma cidade perfeita jamais concederá cidadania a um artesão" (Aristóteles) ou, por outro lado, "Entre vós não é vergonha confessar a sua pobreza; o que é vergonha é nada fazer para dela sair". (Tucídides), são pensamentos que fazem parte da cultura dominante, que torna a exploração, o latifúndio, a(o) sem-terra, a pobreza, a(o) escrava(o)... como algo normal e possível.

1.2. Cultura político-social

Diz-se que um dos maiores legados que temos da cultura política da Grécia é a democracia, da qual Atenas teria sido um dos exemplos. O poder nas mãos das(os) pobres, a liberdade, foi fruto da utopia de um grupo dominado... Mas não é o que predomina na cultura político-social de Atenas. Da aristocracia, democracia e monarquia o que prevalece é o pensamento de que o objetivo da administração do Estado é o bem comum dos cidadãos. Cidadão é quem é livre e participa da administração, quer dizer, homem que possui bens suficientes para não ter que se sujeitar a trabalho e que dispõe de meios e tempo para as atividades superiores das virtudes... (Aristóteles). O poder econômico determina o poder político... Assim, são excluídos do poder a maior parte dos elementos que integram a cidade: as(os) escravas(os), estrangeiras(os), as(os) pobres, as mulheres.

As(os) escravas(os) eram assim mantidas(os) por uma mentalidade dominante de que nada mais eram do que um instrumento animado sem nenhuma personalidade, sem família e até mesmo sem nome. Em Atenas, até se encontram leis "benéficas" à condição das(os) escravas(os). Mas a intenção de tais leis fica clara quando se vê que foram escravas(os) que moveram a engrenagem oculta do Estado ateniense e a garantia de sua continuidade, bem como do Império Romano.

Além da exclusão das classes inferiores, a cultura grega é uma "cultura do homem". Há toda uma história de inferiorização da mulher em Atenas. Desprestigiada, seu único espaço havia sido o gineceu. Após o século IV aC tem possibilidade de dedicar-se aos esportes, música, poesia, artes, medicina. Durante o período helenístico chegam a ocupar cargos políticos e até a ser proprietárias. Mesmo assim, o poder maior sempre estará nas mãos do homem, a lógica da estrutura da sociedade da época é patriarcal... A mulher continua excluída da plena cidadania.

1.3. Cultura simbólica – religiosa e filosófica

Havia na Grécia um acentuado sincretismo religioso marcado pelas deusas(es) tradicionais (Zeus), novas divindades do Oriente – inclusive Javé –, práticas de magia...

Em Atenas, destacam-se os mistérios. Nestes, as mulheres encontravam sua relativa emancipação. De origem oriental e egípcia, mulheres e homens de todas as classes sociais participavam e eram sacerdotisas e sacerdotes. Dos cultos nacionais e oficiais, a mulher estava excluída.

A religião, muito mais do que um conjunto de crenças, era caracterizada por um conjunto de práticas rituais ligadas ao cotidiano e, bem por isso, permitindo a manutenção do que se pensava!...

Ressalto, ainda, o mito grego sobre a criação do mundo, citado por Rose Marie Muraro. "A criadora primária do Universo é Gea, a Mãe Terra. Dela nascem todos os protodeuses (Uranos, os Titãs), e as protodeusas, entre as quais Rea, que virá a ser a mãe do dominador do Olimpo, Zeus". A partir do segundo milênio aC, esta visão da divindade primária mulher vai se perdendo. Mitos que, pouco a pouco, degradam a mulher vão substituindo os mitos das culturas primitivas e introduzindo a cultura da dominação masculina. Esta sacralizará, a partir da religião, as relações políticas, sociais, econômicas. E em todas as esferas, a mulher será origem do pecado e do mal.

A filosofia não tem ligação direta com a religião grega. Mas, juntas, se entrelaçando, tinham a força de determinar e influenciar a cultura econômico-político-social. No contato com o espírito prático romano e com o judaísmo e cristianismo, a filosofia sofrerá influência poderosa. Também o contrário acontece. Muito bem desenvolvida pela filosofia está a concepção da separação de corpo e alma e todo o pensamento dualista, que transparecerá na religião – também no cristianismo.

De particular interesse são o estoicismo e o epicurismo, dos quais aparecem seguidores em Atos 7.

Os estóicos se consideram cidadãos do universo. Também à mulher é dada a possibilidade de estudar filosofia. Mulher e homem recebem a mesma capacitação dos deuses (Martin Dreher). Regem-se pela razão, que domina afetos e paixões. Com isso, há uma repressão da sexualidade, principalmente da mulher. Esta tem, como finalidade única, a procriação. O sábio é o que passa passivamente por sofrimentos físicos, morais, agüentando firme diante de injustiças e contrariedades.

Os epicuristas podem ser qualificados como materialistas, sensualistas e empíricos. Pregam que não há por que ter medo do destino, pois não existe. Da mesma forma a morte não há que ser temida, nem os deuses, pois não interferem nem se preocupam com problemas humanos. O prazer é o objetivo de vida –

especialmente do homem... A prudência, a justiça e a amizade são virtudes que geram a paz interior. Apesar de se mostrar como uma moral de dignidade humana, ela tem um critério subjetivo de moral. Este critério foi, sem dúvida, uma força de decadência que caracteriza a sociedade do Império Romano.

2. AS COMUNIDADES DESTINATÁRIAS DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

Após estes pontos que nos dão um pouco o pano de fundo, é preciso lembrar alguns aspectos das comunidades às quais Lucas se dirige.

Estas eram formadas por cristãs(ãos) judias(eus) e não-judias(eus). Os conflitos estavam baseados em algumas questões, conforme José Comblin: ser judia(eu) e cristã(ão), ao mesmo tempo, é possível? Ser cristã(ão) e fiel ao Império Romano? Comunhão de mesa entre cristãs(ãos) judias(eus) e não-judias(eus)? Convivência de ricas(os) e pobres? Como? São um grupo de pessoas fervorosas que está, aos poucos, sentindo-se parte de um movimento maior, novo e único, de várias comunidades. Lucas tenta fortalecer o surgimento das comunidades e reforçar a segurança de seus membros. Lucas encontrou formas de "agradar" tanto às(aos) judias(eus) cristãs(ãos) quanto às(aos) não-judias(eus). Às(aos) prosélitas(os) deu lugar de destaque.

São comunidades urbanas. Na cidade há ricas(os) e pobres. Também nas comunidades. Lucas fala da comunidade onde não há mais pobres, pois a distância entre ricas(os) e pobres foi superada pela comunhão, pela partilha dos bens.

A presença marcante de mulheres nas comunidades lucanas é perceptível pelas mulheres que são citadas nos Atos dos Apóstolos. Mas são realmente só citadas. Os relatos nos Atos são androcêntricos, ou seja, os homens estão no centro dos acontecimentos. As mulheres são incluídas nas experiências dos homens. Só são citadas, sem ou com nome, quando foi algo muito especial ou incômodo, ou porque eram mulheres conhecidas. É importante lembrar que a redação dos Atos acontece numa "época em que o processo de patriarcalização da Igreja primitiva já estava bem a caminho" (Elisabeth Fiorenza).

Nas comunidades há um judaísmo conservador e predominância da cultura grega, que muito bem sustenta o imperialismo romano. Este é o ambiente em que nasce o livro de Atos. Esta é a característica do grupo autor, resumidamente chamado de Lucas.

Quer dizer, o livro de Atos, por si só, é Evangelho inculturado: é Evangelho escrito a partir da visão de Lucas, a partir de sua cultura, a partir de sua época: entre 80-90 dC.

3. O DISCURSO DE PAULO EM ATENAS

Lucas não considera Paulo um Apóstolo, apenas uma testemunha (Comblin). Também não conheceu Paulo, nem sua teologia, nem suas epístolas. O Paulo que aparece, portanto, não é o Paulo real. Podemos, de antemão, dizer que o discurso é, pelo menos em parte, do autor de Atos: é inculturado, reinterpretado e colocado na boca de Paulo. É deste Paulo que falo daqui por diante.

O discurso de Atenas é um dos pontos centrais dos Atos, segundo Comblin. A própria colocação, ou seja, no centro de todos os discursos, mostra a importância que Lucas atribui ao fato. Atenas era o símbolo da cultura grega, o centro da filosofia grega. Esta exaltação nos mostra quem é o interlocutor de Paulo, segundo Lucas: não é a religião popular, mas a filosofia grega, a elite pensante, herdeira da filosofia grega. Toda a linguagem e forma de apresentar o texto traz elementos da filosofia grega. Comblin os expõe de forma muito clara. A não ser de forma geral, não quero me ater aqui a detalhes neste ponto!

17 Num primeiro momento chama atenção que Paulo não fica somente na sinagoga. Ele vai adiante, para a praça. Lá encontrará não apenas piedosos do judaísmo. Confronta-se com a realidade da cidade: certamente local de vendedoras(es), mendigas(os), compradoras(es) e também de observadoras(es), pensadoras(es), filósofas(os). Chegar ao cotidiano das pessoas foi o primeiro passo na evangelização.

18-19 Houve quem ouviu e, pelo texto, nada disse. As(os) filósofas(os) não deixaram de questionar o que Paulo vinha falando às pessoas. Com ar de deboche, chamam-no de tagarela e deixam-no numa situação de desacreditado com suas idéias de ressurreição. Isto não cabia dentro de suas crenças, do mundo de suas filosofias. Mas, por curiosidade, o levam ao Areópago, antigo tribunal de Atenas. Paulo está revoltado com a idolatria e, com isso, pronto para mostrar-lhes o Deus verdadeiro, o único.

O que revolta Paulo? Só a existência das estátuas e altares, símbolos de algo que já passara? Ou seria o significado, as idéias que esta religiosidade, mesmo esmorecida, representa e reforça? Um repúdio ao pensamento estóico e epicurista, que se distanciam da proposta evangélica da comunidade de iguais?

Se a revolta de Paulo é diante de um conjunto de idéias dominantes que sufoca um grupo dominado, o caminho seria, em seguida, repudiar tais idéias com o discurso. Repudiar a prática da elite dominante que é a interlocutora aqui e receptora dos Atos.

20-22 Paulo inicia seu discurso, dirigindo-se aos "senhores atenienses". Um jeito diferente da costumeira forma carinhosa de Paulo: amadas(os) de Deus, irmãs(ãos). Parece manter uma certa distância formal e solene, típica de um discurso a um grupo pensante da época: a cidadãos. Há, entre as pessoas que o ouvem, mulheres – uma, pelo menos: Dâmaris. A linguagem as inclui na forma masculina, o que as faz desaparecer do público. Não sabemos se mais pessoas da praça vieram com ele ao Areópago. É no v. 21, depois de dizer que o levaram para lá, que aparecem "todos os de Atenas e os estrangeiros residentes". Isto talvez aponte para a presença de outras pessoas, além "dos senhores", aos quais se dirige.

Em seguida considera-as(os) em tudo acentuadamente religiosas(os), procurando a aceitação e simpatia das(os) ouvintes.

23 Com linguagem conhecida ao seu público usa, como ponto de partida, os objetos de culto das(os) atenienses, seus monumentos, seus altares. O uso da linguagem conhecida e partir do que é de suas(seus) ouvintes parece

muito próprio e adequado na evangelização. Pergunto-me se as divindades e altares eram, de fato, algo de interesse deste público "filosófico" – especialmente epicuristas!

A referência que faz adiante é, talvez, a mais discutida. Paulo fala do altar ao "deus desconhecido" que encontrou entre os demais. Documentos sobre Atenas nos informam apenas de "deuses desconhecidos" (Comblin), aos quais dedicavam seus cultos com o intuito de não esquecer nenhum deus de sua religião politeísta. Com a expressão no singular, as(os) filósofas(os) são feitas(os) religiosas(os). Um grupo que não conhece "o Deus verdadeiro", mas já desconfia que sua força divina é única, acima do politeísmo. Por isso, Paulo diz que esse que é adorado, é o Deus que ele está anunciando. É a fé neste Deus que o trouxe até ali.

Paulo partiu de algo conhecido, como que concordando com a postura religiosa das pessoas ali. Estas, no entanto, por serem filósofas, têm concepções racionais da divindade. Tentam explicar suas(seus) deusas(es). Mas o Deus dos cristãos não é de ser explicado. É de ser crido. Ali está a diferença. Não é na explicação que Paulo quer ficar, ele quer anunciar a fé no Deus verdadeiro! Ele continua, para que não fiquem na sua compreensão de "divindade desconhecida" entre outras divindades conhecidas.

Sob o ponto de vista da evangelização e inculturação da fé: como entender este ponto de partida?

"Evangelizar as(os) gregas(os)" a partir do pensamento racional da elite? Permitir que o Evangelho seja inculturado a partir da cultura dominante? Onde fica a cultura dominada? Se este é o resumo da pregação de Paulo às(aos) gregas(os), a que ação transformadora eram desafiadas(os) as(os) das comunidades lucanas? Que conversão se esperava destas(es): apenas uma mudança de politeísmo a um monoteísmo, sem uma mudança ética, de visão de mundo, de concepções acerca das diferenças econômicas, políticas, sociais e de gênero, entre a cultura dominante e a dominada?

24-25 Após ter dado a motivação inicial, Paulo passa a anunciar o Deus verdadeiro. Este é o Deus criador, que não habita em templos, não precisa de nossas ofertas, é ele que dá a vida e a respiração. O Deus que Paulo apresenta até aqui é o Deus da Bíblia (Comblin). Um Deus que faz história, dinâmico, a favor da vida digna, para todas(os). Que fez o mundo e o quer preservar. Não é um Deus a ser preso em templos e ser posse de alguém... Aqui podem ser traçados paralelos entre o discurso e os temas da filosofia grega e do judaísmo helênico, buscando aproximar sua mensagem à compreensão existente. Interessante é que Paulo não precisa fazer uso da Bíblia – citando textos do AT, p. ex. – desconhecida às(aos) pagãs(ãos), para trazer seu pensamento e trazer a elas(eles) o verdadeiro Deus.

No entanto, a imagem deste Deus verdadeiro, que é o Deus da Bíblia e é apresentado como o Todo-Poderoso, o Senhor que dá a vida, que faz tudo e não precisa de ninguém, é contraditória à proposta libertadora que buscamos na Bíblia. Apresenta-se um Deus patriarca, "um ser em si

mesmo" (Ivone Gebara), como se tivesse apenas marionetes em sua mão, que são conduzidas por sua vontade...

26 O ponto seguinte é a criação da pessoa. O tema da "universalidade" do gênero humano e a superioridade do homem é comum na filosofia estóica. Aqui fica estampada a visão androcêntrica do evangelizador. Um homem é o gerador da raça humana. A "cultura do homem" é o paralelo entre a fala de Paulo e a cultura dominante, que exclui a mulher como co-geradora e a exclui da relação com o Deus Vida. O verdadeiro Deus que é anunciado é um Deus patriarcal que reforçará as estruturas da época. Que mudanças a fé neste Deus poderá trazer? As mulheres que ali estão não são expulsas. Aparentemente, este Deus que é anunciado permite-lhes a participação e o acesso ao sagrado, diferente das religiões nacionais. Mas o permite dentro do pensamento de que elas vêm depois: na criação e no cotidiano.

Não é só o espaço e valorização das mulheres que se quer. De nada adianta simplesmente ressaltar a presença da mulher na Bíblia ou incluí-la nas Igrejas. É necessário propor uma compreensão diferente da pessoa, uma compreensão mais igualitária. Para isso, é preciso recriar a cultura simbólica, a imagem que fazemos de Deus, ou uma maneira "nova de fazer as perguntas sobre Deus, de nos aproximarmos do mistério da transcendência que nos constitui, habita e ultrapassa", como tem colocado Ivone Gebara.

27 Paulo continua falando da pessoa e aponta para o sentido de sua existência. Chega bem próximo às(aos) suas(seus) ouvintes, pertencentes à filosofia estóica. De fato, como seres humanos, nos caracterizamos por uma contínua busca de sentido. Paulo coloca este sentido no habitar na terra e no buscar a Deus. Para a filosofia grega, a busca e conhecimento de Deus era uma atividade intelectual. Biblicamente falando, esta busca se traduz na coerência com o projeto de Deus. Paulo diz que foi Deus, o criador, quem fixou tempos e delimitou limites. Com isso chama atenção para uma prática que esteja de acordo com a ação de Deus e não como é construída pelo conhecimento intelectual, apenas. Talvez aqui se encontre uma crítica à cultura dominante que se atreve a definir a vida das demais pessoas. Ao mesmo tempo, valoriza a busca dos filósofos.

É bom lembrar que, ao longo da história, em nome deste mesmo Deus, cristãs(ãos) se atreveram a definir a conduta de vida das culturas "pagãs", das culturas dominadas, das mulheres...

28 Buscando a fundamentação no poeta grego, Paulo traz um elemento novo à Bíblia (Comblin). A idéia da imanência de Deus em toda sua criação é contribuição da filosofia grega, que foi acrescentada ao Evangelho. À parte o fato de que a cultura dominante considerava que escravas(os) não fossem gente, e que mulher não tinha alma e, em conseqüência, Deus não estava nelas, é um fato interessante a inclusão da idéia no discurso.

Poder-se-ia dizer que, com isto, Paulo confirma a imanência de Deus em toda a criação e não só em parte da criação: não só na elite pensante, ou só nos homens. Seria muito bom isto. Se quisesse dar ênfase a isto, por

que não o fez de forma explícita? Implicitamente, silencia e exclui as(os) não-pertencentes ao grupo de homens pensantes.

29-30 A adoração de ídolos, as artes e a imaginação foram resumidas em ignorância diante de Deus, ou seja, oposição a Deus. Se pensarmos no contexto do Império Romano, em que o imperador é visto como deus, legitimando a opressão, a crítica do discurso poderia ser muito forte. Mas não parece ser este o ponto. É a religião politeísta, com seus ídolos, que é criticada e condenada. As(os) ouvintes devem deixar de lado todas as suas crenças, sua religião. Devem arrepender-se e crer naquele Deus que os julgará.

Se a religiosidade grega é legitimadora das diferenças sociais (senhor-escrava(o), homem-mulher, trabalho intelectual-trabalho manual); se a ignorância é a oposição ao Deus libertador, é ausência de projeto igualitário, é preciso apresentar algo novo.

Por outro lado, ignorar as divindades, os símbolos religiosos de outra cultura, é o caminho? O "novo", quando falamos das culturas oprimidas, não é um substituir a cultura diferente pela nossa. É um compartilhar símbolos que libertam... Seremos capazes de fazer isto?

31 A novidade de Paulo está em sua última exortação. Anuncia Cristo Ressuscitado. Anuncia-o como aquele que julgará o que até agora foi tolerado. É um tempo novo e há que acontecer mudança de atitude, pois agora conhecem o Deus verdadeiro. A proposta cristã pode ser vivida.

Que proposta é esta? Em continuidade ao v. 26, fala do "varão". A imagem de Deus é agora concluída: o Deus criador de tudo que existe, que se manifestou ao criar um homem como gerador de toda a raça humana, é agora redentor através de um homem, seu único filho, Jesus, o Cristo. Numa forma religiosa patriarcal acontece a fala final de Paulo, a exortação final, a mais importante, segundo as interpretações que sempre se fizeram. A novidade, a proposta, acaba ficando muito distante daquilo que se espera, como comunidade cristã.

Não se poderia esperar outra coisa de Lucas, dentro de sua formação patriarcal. Mas é importante que reconheçamos isto, hoje. Lucas foi apenas uma destas pessoas que apresentou e reforçou esta idéia. Na tradição cristã, esta é a que teve e continua tendo maior sucesso. Ela está presente nas diferentes Igrejas, com formas religiosas patriarcais, inclusive na Teologia da Libertação ou, em forma de um feminismo patriarcal, comum também na teologia latino-americana feita por mulheres, como constata Ivone Gebara.

32-34 A ressurreição é o motivo que levou à rejeição de Paulo por parte das(os) ouvintes. A ressurreição é tema que não cabe no pensamento grego. Mesmo assim houve quem a ele se agregasse. Seu discurso não foi de todo frustrado. Fala que alguns homens se agregaram a ele. Entre eles, Dionísio, o areopagita. Era pessoa importante, responsável pela educação. Ainda outros mais.

Entre "eles" também estava Dâmaris. Certamente uma mulher importante e conhecida em Atenas. Lucas só cita nomes quando são pessoas de destaque ou que tenham se manifestado de forma marcante. Que bom que Dâmaris estava lá. Caso contrário, com a linguagem masculina de Lucas, as mulheres teriam sido totalmente silenciadas. Assim, ele não teve opção. Não pode ser esquecida. É provável que ela tenha se manifestado ou questionado Paulo. Se fosse só por ser alguém importante na cidade, Lucas teria dado sua "função", ou identificado como "esposa de" ... Isso nos mostra a marginalidade histórica da mulher, produzida pela "transmissão androcêntrica de tradições primitivas cristãs". O fato de, mesmo assim, serem citadas, revela a "liderança e participação de mulheres no movimento cristão primitivo" (Elisabeth Fiorenza).

O que o discurso significou para Dâmaris? Talvez um espaço a mais de participação, ou até uma possibilidade de exercer alguma liderança. Esta lhe era impedida, pelo menos na sinagoga e nas religiões nacionais. As religiões orientais que eram, às vezes, espaços de iguais, eram malvistas. Assim, a fé no Deus desconhecido lhe permitia um espaço religioso. No entanto, não mudava muito: sua liberdade consistia num novo universo simbólico onde o homem é o ser superior e a mulher é o símbolo do pecado e do mal, segundo a tradição cristã, não de Cristo.

CONCLUINDO

Ao longo da leitura certamente foi percebido que só levantei questões. É difícil concluir o que não está concluído. Penso que alguns aspectos apontados nos ajudam, hoje, quando queremos "evangelizar", quando convivemos com tantas outras culturas religiosas, quando convivemos, mulheres e homens.

Há também aspectos "negativos" apontados no texto, aqueles que nos alertam a não repetir a mesma coisa, hoje. Pode parecer, até, um querer jogar fora a Bíblia. Não se trata disto. Importa que não vejamos a Bíblia como verdade absoluta e única. Ela é mediação para a revelação de nós mesmas(os) (Ivone Gebara) e de Deus hoje. Mas não é a revelação. É necessário ver em que sentido ela ajuda a mudar a situação das mulheres e culturas diminuídas e silenciadas pelas estruturas injustas de todos os tipos. É preciso ver se a tradição cristã transmitida nos textos tem condições de nos ajudar nas mudanças e na construção de um mundo justo e integrado, da vivência da comunidade de iguais.

O desafio que fica é reescrever o texto de Atos 17,16-34, para que nos ajude nesta busca!

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização. Perspectiva dos oprimidos.* Petrópolis, Vozes, 1990.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos,* 2 vols. Petrópolis/S.B. do Campo/S. Leopoldo, Vozes/Metodista/Sinodal, 1988. [Coleção Comentário Bíblico].

DREHER, Martin. *A mulher no mundo helenista, greco-romano, e a recepção do Evangelho.*

FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica*. São Paulo, Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. *Hermenêutica bíblica feminista.*

GIORDANI, Mário Curtis. *História da Grécia*. Petrópolis, Vozes, 1987.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio.* Rio, Rosa dos Tempos, 1992.

Marion Creutzberg
Caixa Postal 147
93001-970 São Leopoldo, RS